

Vinte Poemas de Amor Uma leitura da angústia na perspectiva freudiana

Vanessa Aparecida Alves LIMA¹

Resumo

Este é o momento do encontro de uma parte da teoria freudiana com a obra do grande poeta latino americano Pablo Neruda. Trata-se de uma livre associação ao lançar um olhar sobre a teoria freudiana da angústia para vê-la caracterizada no poema “Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada” de Pablo Neruda.

Palavras-chave: Angústia, Psicanálise, Poesia, Pablo Neruda.

Twenty Love's Poems - A reading of anxious Freud's perspective

Abstract

This is the meeting moment between part of Freud theory and a shred of Pablo Neruda's work, this great latin American poet. It's about a free association, when we take a look to Freud's theory of anxious and see this theory characterized in the poem “ Twenty Love's Poems and A Desesperated Song” by Pablo Neruda.

Key Words: Anguish, Psychoanalysis, Poesy, Pablo Neruda.

¹ Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia. Doutora e Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Pesquisadora nas Áreas de Psicologia Moral e Psicologia Escolar. E-mail: limavanessa@uol.com.br.

Introdução

É impossível, na minha opinião, estudar a teoria freudiana sem agregar afetos. Afeto mesmo, inclusive na linguagem psicanalítica, onde se dá um significado a uma representação.

Assim, fui agregando um interesse pessoal de refletir as “angústias” (enquanto sintoma) que me cercavam, tanto ao olhar as atividades profissionais quanto efetivas das pessoas com as quais convivo.

Foi nos dias que estava pensando e escolhendo o tema de meu trabalho de doutorado que recuperei um livro de Pablo Neruda (1994), que pensava perdido, e com ele, em cada poema recuperei alegrias, tristezas e associações.

Ao reler *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada* (1923-1924) pude perceber a leitura freudiana da angústia, especialmente no que se considera a “segunda teoria da angústia” (1909-1917) o que pretendo tornar mais explícito ao leitor.

No primeiro item, inicialmente faço a contextualização histórica e após caracterizo as *Três Teorias da Angústia na Leitura Freudiana*, procurando enquadrá-las historicamente na metapsicologia psicanalítica, inclusive justificando a relevância de seu estudo.

Ainda no primeiro item, será feito um recorte da *segunda teoria* explicitando suas características essenciais, pois é com esta que farei interpretações e associações com o poema de Neruda.

No terceiro item será traçada uma ponte entre o poema e a leitura da angústia.

1. Três Teorias da Angústia na Leitura Freudiana²

Estudar a “angústia”, na definição da psicanálise freudiana, é estudar um conjunto de sintomas que todos nós, em menor ou maior grau, compreendemos bem.

Impossível encontrar alguém que não tenha registro de reações de angústia em alguma ocasião da vida. É por isto que para Rocha (2000) o estudo da angústia é importante como um fenômeno estruturante da existência humana, devido a sua função defensiva diante dos perigos que ameaçam a existência. Contudo, esta abordagem, só vai ser claramente descrita por Freud, naquela que é considerada a terceira teoria da angústia na leitura psicanalítica.

O presente estudo justifica-se pela posição deste conceito na construção metapsicológica da teoria psicanalítica.

E o que é a metapsicologia freudiana? Trata-se de estudar o que há no psiquismo humano além do que se conhece conscientemente. É sabido que uma das grandes preocupações da teoria freudiana foi descobrir as influências do inconsciente (embora Freud só fosse definir o termo claramente em 1950, esta é sua preocupação desde os primórdios). Há que se ressaltar, que este ponto revela o grande espírito revolucionário de Freud, pois, naquela época, as atenções e os estudos da filosofia e da psicologia estavam voltados para a consciência.

Voltando à metapsicologia, esta se caracteriza pela busca do objetivo de que a psique deve ser estudada sob três enfoques:

1. TÓPICO: a construção de uma *geografia* da mente – a busca de sua estrutura;
2. DINÂMICO: a compreensão das forças que estão presentes na mente;
3. ECONÔMICO: a quantidade dos elementos que a compõe e como se combinam.

Na estruturação metapsicológica da psicanálise a forma de atuação clínica do autor interferia constantemente, Freud se via obrigado a constantes reformulações.

² Trataremos a abordagem da angústia na obra freudiana neste trabalho no enfoque de *três teorias*, em contrapartida à concepção de outros autores que tratam de *duas fases* da angústia na obra freudiana.

Por isto, preciso dizer que a abordagem freudiana da angústia não se sucede num percurso linear, mas se encaixa no processo de desenvolvimento metapsicológico da disciplina.

Para atestar a favor destas afirmativas, vou localizar historicamente as três teorias da angústia na obra freudiana, apontando as influências na sua construção.

A primeira teoria da angústia pode ser localizada no ano de 1895, em “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’”³. Assim como no texto “Obsessões e fobias”, escrito em 1894, mas publicado somente em 1895, é outro grande apoio na construção do conceito de *neurose de angústia*, bem como, o texto do “Projeto para uma Psicologia Científica” (1985/1950), uma obra póstuma que Freud teria jogado fora, mas que foi recuperada por uma cliente.

Procurando localizar historicamente a primeira teoria da angústia, temos, neste período, que o conceito de inconsciente ainda não está bem demonstrado. Freud estivera trabalhando com Breuer e estava definindo a estrutura basal do que seria a *talking cure*, ou seja, o nascimento da técnica no tratamento clínico da *cura pela fala*, das associações livres, onde atua um Freud otimista e crente de que ao saber a causa do sintoma se poderia elimina-lo, chegando à cura do paciente.

Destarte, é essencial compreender e definir quais as patologias (sintomatologias) que se aplicam a recém-descoberta técnica psicanalítica. Freud está preocupado, como sempre esteve, em fazer sua teoria e técnica serem respeitadas, por isto é essencial não se envolver com sintomatologias que ele considerava de cunho puramente clínico (da medicina) e não da psicanálise.

É preciso definir com clareza que, embora os sintomas da neurose de angústia e das neuropsicoses de defesa se assemelhem, os pacientes das neuroses de angústia

³ Não faremos referência a Freud a cada citação de texto já que todos os textos referenciados são dele, considerando que estamos tratando das Três Teorias da Angústia na teoria freudiana, apenas faremos referência completa quando for outro autor.

não se aplicam à técnica psicanalítica, porque não tem uma representação psíquica, sendo mais uma indicação para a clínica médica com técnica de aconselhamento.

A segunda teoria da angústia na obra freudiana é localizada no período de 1909 a 1917, e ao contrário da primeira teoria, onde a angústia inscreve-se apenas no corpo, sendo puramente somática, ou seja, sem representação psíquica, a segunda teoria, além de se inscrever no corpo, inscreve-se *também* no psiquismo. Trata-se da idéia de que um material que foi reprimido pelo indivíduo o leva à angústia.

As obras de referência para esta teoria são os “Três Ensaio da Teoria Sexual” (1905) e a “Conferência XXV” (1917), incluída nas “Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise”⁴.

O “Caso Hans” (1909) - Análise de uma Fobia num Menino de Cinco anos, antecedido dos comentários de James Starchey e precedido da análise feita por Freud é o grande apoio para a demonstração desta teoria.

Para contextualizar historicamente a segunda teoria da angústia na obra freudiana, preciso dizer, que a obra *Interpretação dos Sonhos* (1900) já era muito conhecida e nela estava a primeira tópica da teoria freudiana, estando neste período em reformulação para a chamada segunda tópica.

O estudo das pulsões é essencial para a concentração desta teoria. É por isto que o Caso Hans é um excelente exemplar. A pulsão tem sua fonte no corpo e só terá acesso ao psiquismo através de uma representação. O afeto, quando desvinculado da idéia de usar representação do real, transformar-se-á em sintoma.

A terceira teoria da angústia na obra freudiana é localizada no texto de 1926, “Inibição, Sintonia e Angústia” e na “Conferência XXXII” (1932), incluída em “Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise”.

⁴ Na Edição Standard Brasileira encontramos o título do texto como “A ansiedade”.

Enquanto na primeira teoria a angústia se inscreve puramente no corpo, na segunda e terceira teorias se inscreve *também* no psiquismo. Contudo, na segunda teoria, os estudos freudianos até aquele momento apontam para o fato de que *a repressão causa a angústia*, enquanto na terceira teoria, *é a angústia que causa a repressão*.

O texto “Além do Princípio do Prazer” (1920) é decisivo para esta conceituação, pois é nele que Freud vai definir as *pulsões de vida e morte*, a luta psíquica de Eros e Thanatos.

A terceira teoria da angústia é resultado da descoberta da pulsão destrutiva, aquela que leva o indivíduo à *compulsão a repetição* e o leva a aliar-se à doença no desejo de não se curar.

Também são essenciais os princípios que o autor vai construir a partir da idéia de *desamparo e castração*. O sintoma de angústia é disparado pelo *Eu*, como uma proteção em situações de perigo (ou desamparo), podendo gerar, por exemplo, uma neurose de angústia, histeria de conversão, entre outras. Sendo essencial o apoio que Freud faz da angústia na recém-descoberta estrutura do aparelho psíquico (a segunda tópica: eu, isso, supereu), onde a angústia é disparada pelo *Eu*.

1.1 Primeira Teoria da Angústia (1893 - 1895)

A Neurose de Angústia: a angústia inscrita no corpo

Nesta teoria Freud vai definir a neurose de angústia e para suas considerações teóricas, vai se preocupar em todos os textos de referência, em distingui-la de uma doença muito conhecida na época, a neurastenia. Freud a chamou de *neuro sem angústia* e a define como angústia inscrita no corpo, dando-lhe assim uma definição puramente somática, ou seja, sem um correspondente (uma representação) psíquico.

A principal preocupação de Freud na abordagem desta teoria se trata da definição metapsicológica da teoria psicanalítica, especificamente quanto à questão da *economia*, isto fica explícito, na diferenciação entre neurastenia e neurose de angústia, no que trata de distinguir os dois casos quanto à etiologia dos sintomas.

Enquanto o neurastênico tem uma quantidade limitada de libido e ainda faz mal uso dela, por exemplo, em longas sessões de masturbação, o neurótico de angústia *transborda* com uma libido de boa quantidade que não está sendo empregada corretamente, como no caso do “coito interrompido”.

No neurastênico encontramos muitas queixas de dores, se apresenta como um esvaído, desvitalizado, depressivo e com dificuldades de ação, justamente por sua reduzida libido (empobrecimento da excitação). Na neurose de angústia há uma grande quantidade não utilizada de libido que *transborda* (acúmulo de excitação) em forma de sintoma. Isto é fundamental na caracterização da neurose de angústia, mas *não é representado psicologicamente*, de forma que nesta concepção teórica está a idéia freudiana de que há uma tensão física sexual que é interpretada pelo psiquismo e realizada pelos componentes ideativos do aparelho psíquico.

Na neurose de angústia esta tensão *não* vai se formar ideativamente, porque precisa sair pelo ataque neurótico. A libido física é, então, uma sexualidade que não vai ser conhecida pelo aparelho psíquico. Os sintomas da neurose no aqui e agora da somatização (ROCHA, 2000, p. 71).

A sintomatologia da neurose da angústia pode se apresentar misturados numa proporção variável de grau, podendo constituir um ataque de angústia por combinação de vários deles, tanto quanto, por um isolado:

- a) Irritabilidade Geral: a irritabilidade aumentada aponta sempre para um acúmulo de excitação ou uma incapacidade de tolerar tal acúmulo;
- b) Expectativa Angustiada: expectativa exagerada frente às situações da vida cotidiana. O indivíduo está sempre antecipando acidentes e desgraças para si e para os seus. Inclui também excesso de dúvida, de escrúpulo e de ética (angústia moral). Mania de duvidar e hipocondria também participam deste quadro (característica mais importante do quadro da neurose de angústia);
- c) Ansiedade: esta sensação fica sempre presente e se pode passar dela ao ataque de angústia;
- d) Algumas formas de ataque de angústia conhecidas e citadas por Freud são as abaixo relacionadas:
 1. Ataque de angústia acompanhado por distúrbios respiratórios, várias formas de dispnéia nervosa, acessos semelhantes à asma e similares;

2. Acessos de suor, geralmente à noite;
3. Acessos de tremores e calafrios;
4. Acessos de fome devoradora;
5. Acessos de vertigem locomotora;
6. Acessos do que se conhece como congestões ou acessos de diarreia;
7. Acessos de parestesias.

Em conclusão é fundamental sua distinção das psiconeuroses de defesa, porque estas se inscrevem no psiquismo e aquelas não, são puramente somáticas. Isto implica que o tratamento da neurose de angústia é de ordem da clínica médica e não cabe no setting psicanalítico, ao contrário das psiconeuroses de defesa, que são adequadas para tal.

O importante é que na primeira teoria a neurose de angústia é um quadro clínico distinto e com etiologia própria e pode surgir sozinho nos indivíduos, mas em muitos casos apresenta forma mista com as psiconeuroses de defesa e, nesta condição, o indivíduo é passível de receber tratamento psicanalítico, mas das psiconeuroses de defesa, não da neurose de angústia.

1.2. Segunda Teoria da Angústia (1909 - 1917)

O “Caso Hans”: a angústia inscrita no psiquismo resultante da repressão.

A abordagem da angústia na segunda teoria significa um *alargamento* em relação à primeira, já que passa a considerar a representação psíquica que estava ausente na primeira tópica da neurose de angústia.

Estão na base destas descobertas o conhecimento construído na primeira tópica e na primeira teoria das pulsões, ou seja, a teoria de que é a pulsão sexual que está na base de todas as neuroses.

Neta segunda teoria da angústia está presente “a angustia pulsional nos conflitos que estão na base das psiconeuroses de defesas, em geral, e de modo particular, na História de Angústia” (ROCHA, 2000, p. 72).

Para compreender como se chega à angústia pulsional precisamos ter em mente que ela é desencadeada pelo perigo pulsional. Este, por sua vez, é resultado de excitações não descarregadas satisfatoriamente, e por isto vividas como uma ameaça, um perigo para o ego. A ameaça é interna, e é contra esta que o ego constrói um mecanismo defensivo de repressão. Portanto, isto justifica o conceito dado anteriormente para a segunda teoria da angústia na obra freudiana, onde a sintomatologia da angústia tem uma representação psíquica.

Nesta fase, Freud teorizou, inclusive tendo como apoio o tratamento do menino Hans, que a angústia é uma consequência da repressão: o representante psíquico da pulsão tem um aspecto afetivo e ideativo; a idéia contida na representação psíquica da pulsão pode estar separada do afeto desta representação; o afeto pode se ligar a outras representações, e é nestas separações que o representante afetivo da pulsão pode se transformar em angústia, como ocorre na Histeria de Angústia.

Ou seja, uma representação da pulsão psíquica está recalcada e vai adquirir uma forma substitutiva, se manifestando em sintoma de angústia. Esta, por sua vez, protege o indivíduo da manifestação da representação recalcada. Esta forma substitutiva poderá ser um objeto fóbico (como no caso do menino Hans) e, numa sucessão de medidas defensivas, medidas de evitamento do objeto fóbico serão tomadas, mas isto não tem efeito satisfatório, já que o perigo (e suas representações) é interno. Na verdade o que o sujeito está procurando fazer (inconscientemente) é colocar no exterior, projetar para fora de si o perigo.

O menino Hans, ao reprimir seus desejos pela mãe vendo o pai como rival, passa a ter medo de cavalos. Como se deu este processo inconscientemente? A estrutura afetiva inconsciente, a saber, a representação *pai* separou-se do estado afetivo consciente, a idéia de *amo meu pai*. Aquela representação *pai* foi substituída pela representação *cavalo* em torno do qual se manifestou a fobia e angústia de Hans.

O indivíduo foge dos sintomas de angústia colocando-o num objeto fóbico, mas ao preço de limitar seu campo de atuação e, ainda, correndo o risco de, pelo princí-

pio da associação e da transferência, ver sua fobia estendida a outros objetos. O fóbico tem medo de deixar de ser fóbico porque este sintoma é o que o protege de sua pulsão recalçada, reprimida.

Neste ponto preciso distinguir a *angústia real* da *angústia neurótica*: A angústia real nos coloca em estado de alerta diante de um perigo real, verdadeiro. Os mesmos sintomas de angústia podem garantir ao indivíduo a sobrevivência, salvar-se de um grande mal, ou ao contrário, paralisá-lo e fazer correr um risco de vida desnecessário.

Certamente não era neste tipo de angústia que Freud estava interessado, mas sim na *angústia neurótica*, onde o sujeito se angustia sem saber exatamente por que. Na angústia neurótica há uma angústia flutuante, ou um estado geral de ansiedade, como é o caso da expectativa angustiada. A concepção freudiana da pulsão sexual na base das neuroses não deixa de estar presente nesta situação. E tudo o que é considerado para o adulto o será também para a angústia infantil.

1.3. Terceira Teoria da Angústia (1926 - 1932)

“Inibição, sintonia e ansiedade” - a angústia fundada no aparelho psíquico

A terceira teoria da angústia na obra freudiana representa grandes modificações em relação à segunda teoria. Apresenta esta nos tópicos a seguir:

- No contexto da nova doutrina do ego, este (o ego) é o lugar privilegiado da angústia;
- Priorizar o perigo externo articulando-o com o perigo da castração;
- A ansiedade é que causa a repressão (e não ao contrário, como se acreditava na segunda teoria da angústia);
- O desamparo vivido pela criança no momento do nascimento é a primeira fonte de ansiedade do indivíduo. Este elemento vinha sendo apontado desde a segunda teoria da angústia, mas vai se concretizar definitivamente como postulação.

Unindo os itens acima relacionados, fica a compreensão de que trata de definir que, no real (externo) uma situação de perigo reporta o indivíduo ao desamparo primitivo do nascimento, que se associa à castração. Este (medo da perda do afeto), por

sua vez, dispara o sintoma de angústia. Assim, o desamparo é constitutivo do ser humano – não como defendia Otto Rank, como um elemento gerador de todas as neuroses, mas como associação a todas as castrações.

2. Vinte Poemas⁵

(1923 – 1924)

Pablo Neruda

1

Corpo de mulher, brancas colinas, coxas brancas,
Pareces com o mundo na tua atitude de entrega.
Meu corpo de lavrador selvagem te escava
E faz saltar o filho do fundo da terra.

Fui sozinho como um túnel. De mim fugiam os pássaros,
E em mim a noite entreva a sua invasão poderosa.
Para sobreviver-me te forjei como uma arma,
Como uma flecha no meu arco, como uma pedra na minha funda.

Mas cai a hora das vinganças, e te amo.
Corpo de pele, de musgo, de leite ávido e firme.
Ah os copos do peito! Ah os olhos de ausência!
Ah as rosas do púbis! Ah tua voz lenta e triste!

Corpo de mulher minha, persistirei na tua graça.
Minha sede, minha ânsia sem limite, meu caminho indeciso!
Escuros canis onde a sede eterna continua,
E a fadiga continua, e a dor infinita.

6

Recordo-me como eras no último outono.
Eras a boina cinzenta e o coração em calma.
Nos teus olhos brigavam as chamas do crepúsculo.
E as folhas caíam na água da tua alma.

Colada aos meus braços como uma trepadeira,
As folhas recolhiam a tua voz lenta e em calma.
Fogueira de espanto que a minha sede ardia.
Doce jacinto azul sobre a minha alma

Sinto viajarem teus olhos e é distante o outono:
Boina cinzenta, voz de pássaro e coração de casa

⁵ Dos vinte Poemas que formam esta obra selecionamos os de número 1, 6, 15 e 20 que são mais significativos para o objetivo deste trabalho.

Para onde emigravam os meus profundos desejos
E caíam os meus beijos, alegres como brasas.

Céu (visto) de um navio. Campo (visto) dos montes.
Tua lembrança é de luz, de fumaça, de lago em calma!
Mais para lá dos teus olhos ardia os crepúsculos.
Folhas secas de outono giravam na tua alma.

15

Gosto de ti quando calas porque estás como ausente,
E me ouves de longe, e a minha voz não te toca.
Parece que os olhos tivessem voado de ti
E parece que um beijo te fechara a boca

Como todas as coisas estão cheias da minha alma
Emerges das coisas, cheia da minha alma
Borboleta de sonho, pareces com a minha alma
E pareces com a palavra melancolia

Gosto de ti quando calas e estás como distante.
E estás como que te queixando, borboleta em arrulho.
E me ouves de longe, e a minha voz não te alcança:
Deixa-me que me cale com o silêncio teu.

Deixa-me que te fale também com o teu silêncio
Claro como uma lâmpada, simples como um anel.
És como a noite, calada e constelada.
Teu silêncio é de estrela, tão longínquo e singelo.

Gosto de ti quando cala porque estás como ausente.
Distante e dolorosa como se tivesses morrido.
Uma palavra então, um sorriso basta.
E estou alegre, alegre de que não seja verdade.

20

Posso escrever os versos mais tristes esta noite

Escrever, por exemplo: "A noite está estrelada,
E tiritam, azuis, os astros, ao longe".
O vento da noite gira no céu e canta

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.
Eu a amei, e às vezes ela também me amou.

Em noites como esta eu a tive entre meus braços
Beije-a tantas vezes sob o céu infinito

Ela me amou, às vezes eu também a amava.
Como não ter amado os seus grandes olhos fixos.

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.
Pensar que não a tenho. Sentir que a perdi.

Ouvir a noite imensa, mais imensa sem ela.
E o verso cai na alma como no pasto o orvalho.

Que importa que o meu amor não pudesse guardá-la.
A noite está estrelada e ela não está comigo.

Isso é tudo. Ao longe alguém canta. Ao longe.
Minha alma não se contenta com tê-la perdido.

Como para aproximá-la o meu olhar a procura.
Meu coração a procura, e ela não está comigo.

A mesma noite que faz branquear a mesmas árvores.
Nós, os de então, já não somos os mesmos.

Já não a amo, é verdade, mas quanto a amei.
Minha voz procurava o vento para tocar o seu ouvido.

De outro. Será de outro. Como antes dos meus beijos.
Sua voz, seu corpo claro. Seus olhos infinitos.

Já não a amo, é verdade, mas talvez a ame.
É tão curto o amor, e é tão longo o esquecimento.

Porque em noites como esta eu a tive em meus braços,
A minha alma não se contenta com tê-la perdido

Ainda que esta seja a última dor que ela me cause,
E estes sejam os últimos versos que lhe escrevo.

3. A Angústia no Amor não Correspondido

O autor coloca-se como um personagem que viveu um grande amor, mas que às vezes parece não estar ciente de que este amor tenha sido real, tão somente ele o acreditava real, verdadeiro.

O amor não correspondido do personagem viaja da libido satisfeita e realizado ao abandono do corpo e da paixão.

*Colada aos meus braços como uma trepadeira,
As folhas recolhiam a tua voz lenta e em calma
Posso escrever os versos mais tristes esta noite.
Eu a amei, e à vezes ela também me amou.*

O que está reprimido é o amor do personagem que já não encontra o objeto escolhido, o objeto conhecido, para investir este amor.

Na verdade, o investimento libidinal do poeta em sua amada toma a forma da expectativa de ser retribuído por ela, e quando isto ocorre é descarregado em forma de angústia.

Libidinal porque é deste amor que sente por ela que retira toda sua ação.

De uma libido reprimida, que não encontra uma forma de se realizar. Como seria de seu desejo (necessidade) não há possibilidade, pois a amada não está mais presente.

*Nós, os de então, já não somos os mesmos,
Porque em noites como esta eu a tive em meus braços,
A minha alma não se contenta com tê-la perdido.*

A angústia vivida pelo personagem também pode ser interpretada como expectativa angustiada, porque ele já antecipava a situação da perda, mesmo quando a amada estava presente, chegando a imaginá-la morta.

*Mais pra lá dos teus olhos ardiam os crepúsculos.
Folhas secas de outono giravam na tua alma
Gosto de ti quando calas e está como distante
E me ouves de longe e a minha voz não te alcança
Gosto de ti quando calas porque está como ausente*

Distante e dolorosa como se tivesse morrido

A angústia coloca o personagem em dúvida de seus sentimentos, num mecanismo de defesa de formação reativa.

*Posso escrever os versos mais tristes esta noite
Eu a amei e ela também me amou
Ela me amou, às vezes eu também a amava.
Ouvir a noite imensa, mais imensa sem ela
Ao longe, minha alma não se contenta com tê-la perdido
Ainda que esta seja a última dor que ela me cause
E estes sejam os últimos versos que lhe escrevo.*

Não só neste, mas em outros poemas de Neruda, também podemos encontrar a neurose causada pela angústia, como por exemplo em *Farewell e os Soluços* na obra *Crepusculario* (1920-1923) assim como em *A Canção Desesperada* em obra homônima a este poema (*Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada* 1923-1924). A proximidade das datas de produção retrata uma fase da obra ou uma característica do autor? Não sou conhecedor do mesmo para dar tal resposta, contudo nestas obras como em outras literárias que retratam o cotidiano humano, a teoria psicanalítica vai dando provas de sua contemporaneidade.

Referências

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NERUDA, Pablo. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ROCHA, Zeferino. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000.

FREUD, Sigmund. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "Neurose de angústia" (1895/1894). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume III.

_____. Obsessões e Fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895/1894). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume III.

_____. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume III.

_____. A Interpretação dos Sonhos (1900). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume IV.

_____. Três Ensaio da Teoria Sexual (1905). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume VII.

_____. O Pequeno Hans: Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume X.

_____. Conferência XXV - A ansiedade (1917). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume XVI.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume XVIII.

_____. Inibição, sintonia e ansiedade (1926/1925). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume XX.

_____. Conferência XXXII - Ansiedade e vida instintual (1932). In **Obras completas**. São Paulo: Imago, 1986. Edição Standard Brasileira. Volume XXII.